

# Nosso grande desafio era a Independência

Felisberto Matusse



Deolinda Guezimane em corpo inteiro

Não faz parte do grupo dos fundadores da FRELIMO e muito menos dos primeiros guerrilheiros que, em 1964, desencadearam a grande odisséia pela libertação da pátria, que só viria a ser conseguida dez anos depois. Mas, um ano depois do início da Luta Armada, depois de uma grande aventura que começa na então Lourenço Marques, e passa pelo Búzi, sua terra natal, e percorre, sinuosamente as matas até Vila Nova, em Tete, e daqui para o Malawi, até desaguar em Mbeya, na Tanzânia, consegue finalmente, juntar-se àqueles que já viviam no seu quotidiano, as peripécias de libertação do país. Trata-se de Deolinda Guezimane, 52 anos, combatente de libertação nacional que, em 1973, se tornou na primeira secretária daquilo que hoje é a Organização da Mulher Moçambicana. Actualmente, deputada da Assembleia da República pela bancada da Frelimo, é membro do Comité Central da Comissão Política deste partido. Actualmente trabalha na Associação Moçambicana de Amizade e Solidariedade com os Povos (AMASP). Conta as diferentes fases por que passou, reconhecendo também ter havido alguns erros de percepção dos objectivos da OMM, sobretudo no sul do país, logo a seguir à independência. Mas afirma com convicção que o ideal pelo qual todos os fazedores da história de então perseguiram foi conseguido e remata:

Durante cerca de duas horas em sua casa, a personagem revela um temperamento duplo, que imediatamente pode deixar de ser extrovertido para o introvertido. Fala-nos do longo percurso trilhado na época e que hoje nos permite celebrar com personalidade e identidade os 20 anos da independência nacional.

**NOTÍCIAS:** — Estamos nas celebrações do 20º aniversário da independência nacional. Pode-nos relatar alguns episódios de como viveu a luta de libertação nacional e como foi parar à Tanzânia.

**DEOLINDA GUEZIMANE** — Eu juntei-me à FRELIMO em 1965. Quando vivia na Mafalala, na então Lourenço Marques. Ouvia sempre dizer que os pretos estão a matar os brancos no norte. Como fosse ainda bastante jovem, não entendia quase nada dessa matéria. Nessa altura, eu estava a estudar costura na "Aga Khan". Via frequentemente soldados portugueses quando ia buscar água no fontanário e admirava muito os pára-quedistas. Até que um dia perguntei ao meu avô, Paulo Samuel Ernesto Simango, o que efectivamente se estava a passar entre os pretos e brancos no norte.

**Not:** — E qual foi a resposta?  
**DG:** — Disse que não se tratava de matança nenhuma. O que estava a acontecer é que os moçambicanos estavam a lutar para libertar o país. É assim que passo a interessar-me dessas coisas. Como gostava do pára-quedismo e via soldados portugueses com aquele uniforme, conversei com o meu tio e disse-lhe "quero ser soldado". Recordei

também do que tinha acontecido com a nossa família no Búzi. Ficámos uma família muito pequena porque um senhor chamado Soares havia comprado os terrenos onde vivíamos para plantar cana-de-açúcar. E os restantes membros da família foram tirados dessas terras. Alguns moçambicanos iam sacchar nas plantações de cana-de-açúcar para ganhar apenas 2550 (dois escudos e cinquenta centavos). Comecei então a relacionar a situação do Búzi com a que vivíamos na Mafalala, ali no "Matlotlomaná" e é então que arranço para Beira. Mas quando volto da Beira já não fico muito tempo aqui em Lourenço Marques.

**Not:** — Então para onde foi e como foi?

**DG:** — Voltei para Búzi. Depois preparei-me conjuntamente com o meu tio Fenias Ernesto Simango. Partimos para Beira, onde apanhámos a automotora até Dondo.

**Not:** — Quantas pessoas no total?

**DG:** — No total éramos sete, das quais duas senhoras. No Dondo estava um senhor que organizava os jovens que queriam fugir de Moçambique. Comprou-nos os bilhetes para irmos até à Vila Nova, em Tete. Mas alguns iam descendo. Tínhamos que passar pela ponte Dª Ana. Mas na Dª Ana, no tempo que fomos já era muito difícil passar porque os portugueses já tinham concentrado ali mais forças. A Polícia já andava lá com cães. Assim tivemos que descer antes, na Vila Muraze.

**NOT:** — E como é que se arranjaram depois?

**DG:** — Tivemos que fazer o resto da caminhada a pé até Tete e daí continuarmos até deixar a Vila Nova atrás. Fomos dar ao Bazar. Nessa zona do Bazar chegámos por volta das 16.00 horas. Tínhamos que esperar ali por um comboio que vinha da Beira e que passava a uma hora da manhã. Ficámos. Mas era uma situação perigosa, uma vez que é nesta zona onde a PIDE raptava as pessoas. Bastava descobrir que são moçambicanos que estão a tentar fugir atrás deles e mandava voltar. Nesse dia também apareceu um senhor português que nos ameaçou ir denunciar à Polícia porque estávamos a fugir. Mas ficámos ali e o senhor que nos acompanhava como já sabia da situação disse se quiser pode ir queixar mas estes são meus filhos que vão para o Malawi estudar. Retomámos a viagem de madrugada mas, mesmo no Malawi, os portugueses continuavam a perseguir. Entravam no comboio e punham-se a dizer "ó Maria então como é." Nós ficámos calados fingindo não entender português. Não podíamos responder sob o risco de sermos presos e mandados de volta.

## NO MALAWI

**Not:** — Já no Malawi como é que as coisas se processam?

**DG:** — Chegámos ao Malawi fomos recebidos por senhor Dick. Aqui realmente havia uma boa organização. Sempre que chegava o comboio os representantes estavam lá. Foi assim que o senhor Dick nos levou à casa dele. Aliás era ali onde hospedavam todos os moçambicanos que fugiam. Nesse sábado, tivemos um problema também grave, porque os portugueses tomaram conhecimento de que um grupo de moçambicanos tinha fugido de Moçambique e se tinha hospedado em casa do Dick. Apareceram lá. A nossa sorte é que os homens tinham saído e em casa só estava eu e a esposa do Dick. Aqui é onde realmente fiquei muito preocupada, por notar que mesmo no Malawi estou a ser perseguida.

**Not:** — E os outros companheiros. Quanto tempo ficaram?

**DG:** — Os restantes companheiros tinham sido espalhados por outras casas. Aliás na casa do Dick não podia ficar um

grupo maior. Mas havia necessidade de esperar pela chegada de outros moçambicanos para engrossar o grupo, para se poder organizar da melhor maneira o transporte. Uns iam via Marítima e outros pela rodoviária. Permanecemos no Malawi mais de um mês.

**Not:** — A via marítima era através do Lago?

**DG:** — Sim. Através do Lago. Eu fui de barco juntamente com o actual ministro do interior e esposa até Mbeya, onde fomos recebidos pelos tanzanianos. Aqui já há separação. Os jovens com idade de estudar iam para o Instituto Moçambicano para continuar a estudar. As senhoras casadas eram encaminhadas para Murogoro e os homens para o centro de treinamento. Deixei aqui a minha tia, a esposa do tio Fenias e fui para o Instituto

Moçambicano em Dar-es-Salaam. É aqui onde conheci o camarada presidente Mondlane, a camarada Janet e outros dirigentes como são os casos de Jorge Rebelo, Ganhão, Marcelino dos Santos e o actual Presidente da República, Joaquim Chissano. Aliás foram todos eles nossos professores.

## CURSO DA JUVENTUDE:

**Not:** — Já está na Tanzânia, a estudar no Instituto, o que mais faz?

**DG:** — Em 1966 recebo orientações para ir à antiga União Soviética para tirar um curso para a juventude. Era a primeira vez que a FRELIMO decidia enviar o nosso grupo, porque até aí ainda se discutia se valeria a pena formar um grupo de juventude naquele momento e qual seria o seu fim.

**Not:** — Mas o grupo foi...

**DG:** — Foi sim. Era eu, a Rosália Tembe, Francisco, a Tereza, a Marina. Éramos um grupo de cinco a seis pessoas. Então lá fomos. Fomos ao Khonsomol School. Começamos a ter ligações com outros estudantes moçambicanos que se encontravam nas universidades daquele país, como são os casos de Cassimo, Zenga-Zenga, Massango e outros. Eram muitos que se encontravam lá. O nosso curso teve a duração de um ano. Portanto, regressámos à Tanzânia, em 1967.

Logo após o nosso regresso fomos encaminhados para Bagamoyo que era um centro de educação secundária. Fomos para lá e é então que recebemos novas instruções de que o nosso grupo devia se organizar para seguir no dia seguinte para Nachingueya, para recebermos treinos de preparação político-militar. Preparámo-nos. Só que no dia seguinte anotámos que tínhamos ficado três. Os outros tinham desaparecido.

**Not:** — Quantos é que desapareceram e quais foram as causas?

**DG:** — No grupo éramos sete, desapareceram quatro. Ninguém sabe como e porquê, mas alguns

foram para Nairobi

**Not:** — Descoberta a ausência dos restantes elementos o que fizeram?

**DG:** — Como só restássemos três, eu, a Rosália e um outro camarada, não fizemos mais nada. Avançámos para o aeroporto e fomos recebidos pelo camarada presidente Mondlane e Uria Simango. O presidente quando nos viu a chegar ficou preocupado. Foi quando se decidiu no aeroporto que o Uria devia ficar uma vez que tinham vindo os dois para nos acompanhar. Então fomos para Nachingueya acompanhados pelo camarada presidente Mondlane.

Chegados a Nachingueya fomos apresentados a Samora. Naquele tempo chamavam-lhe Chefe da Defesa. Fomos entregues e eu fui para o destacamento feminino.

## NOVA FASE

**Not:** — Em Nachingueya estava a começar uma nova fase da sua participação na luta armada. Como se sentiu logo de início?

**DG:** — A nossa chegada a Nachingueya foi um problema sério. Nós éramos vistos como os que vinham de fora. Então tivemos um encontro com as camaradas do destacamento feminino do Niassa, Cabo Delgado, Centro e Sul do país onde o Chefe da Defesa explicou as razões do centro de Nachingueya e as tarefas que nos esperavam depois dos treinos. A nossa função principal seria de trabalhar no interior como comissárias políticas. Assim iniciámos os treinos de preparação político-militar.

**Not:** — Já nessa altura havia muitas mulheres?

**DG:** — Sim havia muitas. Olha, eu pertenci ao segundo grupo. A camarada Marina pertenceu ao primeiro. A situação que encontrei lá foi outra. A primeira questão foi o facto das restantes camaradas terem tido conhecimento de que

## A euforia da mulher e suas consequências

Outro capítulo abordado com entusiasmo por Deolinda Guezimane refere-se à criação e orientação da Organização da Mulher Moçambicana. Reconhece que após a independência houve algumas distorções sobre o verdadeiro significado da emancipação da mulher, fenómenos que teriam criado alguns problemas, de certo modo graves, a nível social.

Quando foi indicada para secretária da OMM em 1973, realizámos um trabalho muito bonito, que permitiu engajar as mulheres nos objectivos da luta. As mulheres apareciam em massa aos comícios. Essa situação manteve-se até que em 1976 deixei de pertencer à direcção da organização. Então foi indigida a camarada Salomé Moiana.

Recuando no tempo, a nossa entrevistada afirma que quando chegou pela primeira na Beira, depois de longos anos de ausência, embora fosse de noite, as mulheres estavam lá em massa. Mostravam muita participação.

Admite que houve distorções do conteúdo da palavra emancipação, porque por um lado, as próprias mulheres pensavam que a emancipação era mudar aquele papel dela, como mulher, passá-la para o marido.

Para Deolinda Guezimane, a análise que faz e que julga que teria contribuído para esse tipo de comportamento feminino foi a falta de um trabalho de base, sobretudo aqui na cidade, porque não trabalhámos anteriormente com elas; não explicámos o verdadeiro papel da OMM, como é que deve participar na educação, na saúde e em muitas outras actividades. Não explicámos qual seria o papel dela no trabalho político e como não houve nenhum trabalho de base, apareceram intenções e interpretações diferentes.

Quando ganhámos a independência, viámos aqui e logo começámos a propalar "OMM, OMM, emancipação, emancipação..." e depois tínhamos aquelas palavras de ordem "abaixo o lobolo", "abaixo a poligamia...", então as mulheres começaram a entender que se se diz abaixo o lobolo, abaixo a poligamia, é porque elas estavam mais acima em relação aos homens. Quer dizer, todos aqueles abaixo criaram uma situação de a mulher se sentir mais livre que o marido.

Por isso houve problemas. A mulher saía de casa sem dar satisfações ao marido e quando voltava dizia: "não me fales porque sou da OMM."

Deolinda Guezimane precisa que por razões de falta de preparação e de má interpretação houve até situações em que a mulher dizia ao marido, hoje és tu a lavar os pratos. Amanhã és tu a cozinhar. Concluímos que havia problemas. Entrámos com muita força. Não preparámos as nossas filhas. Mas mesmo assim é de opinião que o trabalho feito e que continua teve efeitos positivos nas mulheres.

## O BI de Guezimane

Nasce no distrito do Búzi, na província de Sofala, em 1943. Um dia depois de vir ao mundo, o pai parte para a África do Sul e nunca mais de lá voltou. Confessa que até hoje não conhece a face do seu progenitor.

Entre 1952/3 escala Chicumbane, na província de Gaza, para estudar. É aqui onde conhece o general Mabote. Em 1960 deixa Gaza com destino à então Lourenço Marques, donde parte em 1965 para Tanzânia, para se juntar à Frelimo.

É filha de Maria Samuel Ernesto Simango e de Alfredo Simango. Foi criada pelo avô, em virtude de o pai se ter ausentado.





vinha da União Soviética. Isto criou alguns problemas de relacionamento. A segunda questão foi de me encontrar no meio de pessoas que falavam diferentes línguas e não entendiam português e eu não sabia falar nem Maconde, nem Ajaú. Então foi muito difícil. Durante a instrução é que a coisa tornou-se muito complicada. Enquanto o instrutor dizia esquerda, elas não sabiam o que era esquerda. Então, isso obrigava a levar mais tempo a explicar. Era preciso muita coragem e muita paciência. A nossa formação consistia não só de preparação militar, como também desenvolvíamos a educação e a produção.

Not: — Essas tarefas eram somente para o destacamento feminino?

DG: — Não. Eram para todos.

Not: — Homens e mulheres?

DG: — Sim. Homens e mulheres. Acordar às quatro horas para treinar. O destacamento feminino tinha os seus instrutores. Os homens tinham os seus. Eram treinos fortes. O camarada Samora tinha uma expressão no centro e dizia "aqui é o centro onde têm lixívia para limpar as ideias, porquanto chamavam o Centro de Nachingueya de "Centro de Lixívia". Era preciso preparar bem fisicamente por causa das marchas. Para poder aguentar a pé 10, 15 ou mais dias, no interior. Por isso os treinos eram muito duros. Quem ficasse sem treinar dois ou três dias tinha que esperar por um novo grupo, pois já não podia aguentar com o ritmo dos outros companheiros.

Not: — Quanto tempo durava a preparação?

DG: — Seis meses.

Not: — Acabados os treinos o que se seguiu?

DG: — Depois da preparação político-militar fomos para o interior. Visitámos a base Limpopo, Beira e Provincial. Era preciso dar moral aos combatentes e mobilizar a população para a sua participação na luta.

#### A MULHER MOBILIZADORA

Not: — No tempo que decorre a guerra era quase um tabu ver uma mulher armada e ainda por cima trajada a militar. Qual foi a reacção da população à vossa aparição?

DG: — Parecia um fenómeno para a população ver uma mulher fardada e ainda por cima de arma em punho. Muitos não acreditavam logo. Pensavam que estávamos a fazer-nos passar de

mulheres quando efectivamente éramos homens. Alguns para comprovar até exigiam ver as nossas mamas. Mas foi muito bom porque a população compreendeu rapidamente e isso deu mais força às mulheres. Quando dirigíamos os comícios e dizíamos quais eram os nossos objectivos, contra quem estávamos a lutar e para ganhar o quê a população ficava mais sensibilizada e aderida à nossa causa.

Not: — Qual era a principal mensagem desses comícios.

DG: — Falávamos muito da unidade nacional. Quando falávamos de unidade, falar da mulher de Cabo Delgado, do Niassa, do Sul e do Centro, para as populações, falávamos quase como irmãs. Eu com a Mónica lá, com a Tereza Chitupila, com a Marina éramos mesmo irmãs e aquelas mamas que funcionavam como uma espécie de madrinhas, começaram a entender a justeza da nossa luta. Produziam mandioca e outros produtos que depois nos ofereciam. E só vivíamos do que nos davam porque tínhamos instruções concretas para não se roubar nada da população "não se podia roubar, nem uma agulha da população". O povo é que tinha que dar, mas se não desse, tinhamos que nos contentar.

Not: — O curso da guerra permitia tempo para produção. Mesmo para a população?

DG: — A população produzia com imensas dificuldades. Os aviões do inimigo vigiavam o rio Rovuma dia e noite. Os aviões de reconhecimento quando descobrissem a população a produzir informavam imediatamente a tropa portuguesa que logo vinha bombardear. O mesmo acontecia quando se tratasse de transportar material. Era necessário utilizar novas técnicas, para saber como andar, porque o inimigo tinha um sistema de controlo uma muito forte. Quando nota que há base podia trazer dez a doze aviões. Tantos para bombardeamentos, tantos para limpeza e tantos para lançar paraquedistas. Quando lançavam para-quedistas era para queimar as cabanas.

#### PREPARATIVOS DO IIº CONGRESSO

Not: — Em 1968 realiza-se o congresso da Frelimo. Como viveu esse momento?

DG: — Quando regressiei a Nachingueya, em 1968, recebo a informação de que deveria ir para Matchedje para preparar o IIº Congresso. Só que tive que voltar, uma vez que já em Matchedje recebo a informação de que devíamos preparar um grupo

cultural da juventude que iria participar num festival na Bulgária. Chegámos e preparámos. Mas foi difícil porque tínhamos um grupo já preparado. Como sempre fazíamos actividades culturais foi fácil seleccionar alguns jovens que nos deviam representar na Bulgária. O chefe do grupo era Felisberto Massinga.

Not: — Então já não prepara o Congresso e segue para Bulgária...

DG: — Sim e isso foi um pouco triste para nós. Enquanto se realiza o congresso nós estamos fora. Nós só acompanhávamos através da informação o que estava a acontecer. Só desse modo é que soubemos que o Presidente Mondlane tinha sido reeleito.

Not: — E os resultados do festival?

DG: — Participamos e ficamos em segundo lugar. O primeiro foi ocupado pela Guiné-Conacri que já tinha uma boa experiência e tradição neste tipo de actividades.

Mais tarde casei-me (1970). Já não podia continuar em Nachingueya. Fui para Tunduru, como professora. Estive também na direcção.

Not: — E como era a vida em Tunduru?

DG: — O centro tinha muitos problemas. Havia muitos alunos, muitas crianças órfãs. Havia problemas de alimentação e doenças, como a malária e a bilharziose. O feijão e a farinha eram os únicos alimentos. Às vezes tínhamos aquele peixe pequenino chamada "Ndagá". Um tipo de peixe que quando é metido na água até esta fica escura. Tínhamos um posto de saúde mas fraco. Digamos que é neste centro onde nós tivemos a ideia de como organizar a mulher moçambicana. Havia muitas mulheres cujos maridos se encontravam nas frentes de combate no interior. Essas mulheres deviam vir para o centro para tomar conta dos miúdos.

Not: — Mas como surge a ideia de criar a OMM?

DG: — Sabíamos que em Angola havia a OMA — Organização da Mulher Angolana. Pensamos que também seria possível nós nos organizarmos embora na altura houvesse a LIFEMO — Liga Feminina Moçambicana — mas esta estava desligada do destacamento feminino. Os seus objectivos eram diferentes dos nossos. É quando a camarada Josina intensifica a organização da secção feminina. Não como LIFEMO mas chamava-se "secção feminina". A LIFEMO fez a sua conferência constitutiva em Mbeya, em 1966.

#### MORTE DE JOSINA

Not: — Mas em 1971 morre a Josina. Como fica a secção feminina?

DG: — Quando morre a camarada Josina em Abril de 1971 sentimos muito, ficamos muito preocupadas com isso. Mas a vontade de criar esta organização não esmoreceu. Ganhou mais força. Tentamos de novo tratar este assunto e fizemos um pedido ao Comité Central da Frelimo. Eu e a Marina pertencíamos ao Comité Central.

Not: — Em que ano fazemos o pedido e qual foi a resposta?

DG: — Em 1972. Disseram-nos que devíamos enriquecer a ideia, ponderar mais sobre o assunto, e ao mesmo tempo propormos a data que serviria como nosso dia. O dia da mulher. Então começamos a preparar a conferência que se realizou em Tunduru, em Março de 1973. Foi nesta conferência que foi indicada Secretária da Organização da Mulher Moçambicana. A partir daqui passamos a ter um importante instrumento de como enquadrar a mulher na luta, sua emancipação e elevação do seu nível académico. Tínhamos como palavras de ordem. Muita paciência, guerra prolongada, vamos ganhar a independência.

## Acordos de Lusaka e Governo de Transição

Para os combatentes da Luta de Libertação Nacional, a Assinatura dos Acordos de Lusaka marcou uma nova era. Vislumbrava-se já a possibilidade de retornar à casa. Portanto, a negociação do acordo trouxe uma mensagem de esperança.

Tínhamos a esperança de ver a guerra acabar, para além de que nós queríamos a independência para podermos ter o nosso país. A outra expectativa alimentada pela negociação dos acordos era a possibilidade de grande parte dos combatentes finalmente poderem sair das matas, regressar às suas casas e juntar-se às suas famílias, em paz.

Entretanto, veio o 7 de Setembro, que quase deixava por água abaixo toda a esperança dos combatentes. Deolinda Guezimane, que também se encontrava nessa situação, afirma que o 7 de Setembro criou-nos muitos problemas. Não só devido ao problema de armamento que circulava nas cidades, mas também às consequências decorrentes desse facto.

Sustenta que o 7 de Setembro ocorreu devido à má compreensão de alguns círculos de colonistas portugueses, que não viam com bons olhos a transferência de poderes para o povo moçambicano. Pessoalmente fiquei muito abalada, diz.

Foi necessária muita frieza por parte da direcção da Frelimo para que fossem controladas as situações criadas pelos movimentos de 7 de Setembro e de 21 de Outubro.

Felizmente, para a nossa entrevistada, a grande meta era a conquista da Independência Nacional, e esta foi alcançada em Junho de 1975. Tinha então ganho o grande desafio que lhe fez ir à luta armada.

## Kaúlza de Arriaga e a crise na FRELIMO

A participação de Deolinda Guezimane na Luta de Libertação Nacional não termina quando é eleita secretária da OMM. Recordar-se de alguns episódios ocorridos quando da chegada do general Kaúlza de Arriaga a Moçambique, para vir dirigir a famosa Operação "Nó Gordio".

A chegada de Kaúlza de Arriaga atrapalhou-nos muito porque criou uma estratégia que visava realmente acabar com a FRELIMO. Primeiro foi a filosofia de pretender dividir o interior do exterior. Quero dizer, os que estavam no interior de Moçambique seriam isolados do exterior. Não receberiam correspondência nem material de guerra.

A nossa entrevistada precisa que a estratégia de Kaúlza de Arriaga envolvia muitos meios, sobretudo aéreos. Desde manhã os aviões patrulhavam o rio Rovuma para que ninguém atravessasse e não se fizesse nenhum abastecimento. Mas nós tivemos que nos organizar de outra maneira. Nós atravessávamos o Rovuma às 18.00 horas. Abastecíamos à noite — diz.

Sobre a Operação "Nó Gordio", que ela prefere não designar pelo nome, Deolinda Guezimane recorda que nesse momento a mulher desempenhou importante papel, pois elas também participaram no combate. Até porque nos últimos anos já tínhamos mesmo em Nachingueya dirigentes femininos. O chefe do centro para o destacamento Feminino era uma mulher, as instrutoras eram mulheres. Portanto, elas também já decidiam. Mesmo no interior já decidiam. Tínhamos instrutoras que eram consideradas más só porque eram muito activas. São exemplos disso, a Manuela Dai e mesmo a Francisca. Embora pessoalmente não tenha participado no "barulho", recorda com entusiasmo que quando as mulheres combatentes caíssem numa emboscada sabiam tomar posições para abrir o caminho.

Deolinda Guezimane faz notar que a minha tarefa concreta era dirigir a mulher moçambicana, explicar às mulheres sobre os objectivos da luta, para além de orientar a actividade da mulher no interior.

moçambicana, explicar às mulheres sobre os objectivos da luta, para além de orientar a actividade da mulher no interior.

Diz que o 7 de Abril foi adoptado pelas mulheres na base de um consenso, depois de muitas e aclaradas discussões, como o Dia da Mulher. Para Guezimane, o 7 de Abril não só serviria para recordar a figura de Josina, que tanto lutou para enquadrar a mulher e a criança órfã, como também para recordar as mulheres que morreram no interior. Por outro lado, quando propomos a data, o próprio Comité Central chamou-nos a atenção para que o 7 de Abril não fosse dia de choros, mas de alegria. É o nosso dia. Guezimane quando fala dos episódios do tempo da Luta Armada revela alguma apreensão, sobretudo quando se recorda dos momentos de crise que abalaram a FRELIMO, e explica:

O primeiro momento de crise acontece no Instituto Moçambicano em 1966, com os estudantes a verem os professores brancos que ali leccionavam como sendo os verdadeiros colonialistas. Não havia compreensão de saber quem era o verdadeiro inimigo, pois este era tomado em função da cor da pele. Então tivemos esse choque, porque tínhamos alguns brancos, casos de Ganhão, Hélder Martins e sua esposa. Alguns alunos viram aquilo como se fossem os portugueses a continuar a perseguir-los, mesmo na Tanzânia. Então fizeram greve.

Havia alunos que quando entrasse para a sala de aulas um professor branco não entravam na sala. Mas quando fosse um professor moçambicano (negro) já assistiam às aulas.

Esta questão chegou a fazer com que 16 alunos do Instituto Moçambicano acabassem por abandonar aquela instituição de regresso a Nachingueya, donde posteriormente partiram para o interior.

Quando despoletou a crise Guezimane recorda dos esforços empreendidos pelo então Presidente Mondlane, na mobilização e sensibilização dos

estudantes, para que continuassem a estudar pois era necessário formar quadros para o futuro, mas eles continuaram a colocar o problema dos brancos, o tribalismo entre outras coisas. Tivemos ainda a situação de jovens que se distanciavam dos guerrilheiros, a formação de grupinhos. Macondes aqui, Mandaus ali, Nyanjas acolá e por aí adiante.

Mas o Instituto seria abalado por uma segunda crise que até determinou o seu encerramento temporário, derivada fundamentalmente de problemas tribais, além de que começava-se a notar a divisão dos que estavam no interior dos do exterior. Uns diziam que nós somos estudantes e aqueles são guerrilheiros, situação que a direcção do movimento, na altura, tentou resolver com a mistura das funções, para que o estudante começasse a viver a situação no terreno, no interior de Moçambique, e não somente através de jornais e outro tipo de informação. O próprio presidente foi com alguns estudantes para o interior, para se aperceberem da situação. Ficou decidido que durante o período de férias os estudantes deveriam avançar para o interior. A outra crise que abalou a Frelimo foi a situação criada pelo grupo de Guendjere. Após o IIº Congresso, a FRELIMO atravessou uma acentuada crise, porque havia uma ala que não queria que o Presidente Mondlane fosse reeleito.

Essa ala criou, efectivamente, situações muito difíceis. Começaram a elaborar listas contendo nomes de alguns camaradas que não deviam pôr os pés no interior, sob o risco de serem mortos. Uma das vítimas foi o Kankhomba. Foi para o interior e, no regresso, foi traído e morto. Morreram também muitos outros jovens.

"Mas a situação foi controlada, porque a FRELIMO foi sempre uma força. Mesmo em casa nem sempre tudo anda bem. Quando acontece uma crise é preciso sempre procurar formas de ultrapassá-la.



O nosso lema era muita paciência, guerra prolongada e vamos ganhar a Independência